

045

OS PIONEIROS DA EMBRAPA DE CORUMBÁ NO PANTANAL MATO-GROSSENSE

31140

Fol. 14/13

SID-CPAP/Corumbá



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura
Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal - CPAP
Corumbá, MS

ISSN 0102-826X



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura
Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal- CPAP
CORUMBA-MS.

OS PIONEIROS DA EMBRAPA DE CORUMBÁ NO PANTANAL MATO-GROSSENSE

Damásio Soleto

CORUMBÁ – MS
1988

EMBRAPA, CPAP. - Documentos, 8
Exemplares desta publicação poder ser solicitados ao CPAP
Rua 21 de Setembro, 1880
Telefone (067) 231-1430
Telex: (677) 044
Caixa Postal 109
79300 - Corumbá, MS

Tiragem:
1.000 exemplares

Comitê de Publicações:

Emiko Kawakami de Resende – Presidente
Arnildo Pott
Antonio Thadeu Medeiros de Barros
Urbano Gomes Pinto de Abreu
Antonio Maciel Botelho Machado
Helena Batista Aderaldo – Normalização Bibliográfica
Lucídia da Costa Lacerda – Secretária
Rosângela Guimarães do Prado

Editoração:

Coordenação: Lucídia da Costa Lacerda
Revisão Gramatical: Felisberto de Almeida (EMBRAPA/Sede)
Datilografia: Rosângela Guimarães de Prado
Desenho: Wellington Crivelini
Composição: José Batista Dantas

Soletto, D. Os pioneiros da EMBRAPA de Corumbá no
Pantanal Mato-grossense. Corumbá, MS, EMBRAPA-
CPAP, 1988.
24p. ilustr. (EMBRAPA/CPAP. Documentos, 8).

1. Empresa-Agropecuária-Pantanal Mato-grossense. 2.
Agropecuária-Empresa-Pantanal Mato-grossense. 3.
Pantanal Mato-grossense-Agropecuária-Empresa. I.
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Centro
de Pesquisa Agropecuária do Pantanal. II. Título. III
Série.

CDD, 19.ed. 657.8630098172s

Copyright © EMBRAPA – 1988

AGRADECIMENTOS

À Gilce de Oliveira Soletto (minha esposa) incansável cooperadora e a todos os funcionários do CPAP, que participaram direta ou indiretamente na elaboração deste trabalho.

APRESENTAÇÃO

O Setor de Difusão de Tecnologia (SDT) da EMBRAPA-CPAP publica o trabalho “Os Pioneiros da EMBRAPA de Corumbá no Pantanal Mato-grossense”, de Damásio Soletto.

O autor, nascido em 23.07.34, em Corumbá, MS, é filho de pai brasileiro e mãe boliviana. Foi peão boiadeiro, capataz de fazenda e professor rural.

Contratado em 1975 pela EMBRAPA, como Mestre Rural, chegou a Laboratorista de Análise de Sementes. Passou grande parte de sua vida em contato com a flora e a fauna, conduzindo boiadas pelo nosso Pantanal.

Consideramos que este trabalho recupera parte da história do CPAP, sendo de preciosa valia a todos os funcionários, técnicos e pesquisadores que não participaram da “aventura” inicial de fundação do primeiro Campo Experimental Satélite da EMBRAPA, no Pantanal Sul-mato-grossense.

É valioso como depoimento e testemunho de todas as dificuldades que uma instituição do estado passa no cumprimento de suas ações, vivido por um empregado que teve a sensibilidade de documentar fatos e acontecimentos que seriam facilmente esquecidos e desconsiderados pela grande maioria das pessoas, independente do grau de instrução ou formação acadêmica.

Este trabalho será de grande utilidade para os estudiosos de todas as áreas de conhecimento que têm o Pantanal como ambiente de pesquisa, uma vez que narra, de forma própria e sem nenhum compromisso sistemático ou metodológico, situações que mostram, com realidade, relações sociais do “pantaneiro” e a natureza com seus fenômenos só aqui vistos.

O documento pretende despertar o interesse da Comunidade regional que sentir-se-á, desta forma, parte integrante da narrativa que resgata valores e tradições pantaneiras.

Antonio Maciel Botelho Machado
Responsável pelo SDT/CPAP

SUMÁRIO

Introdução	9
Início da EMBRAPA no Pantanal	9
Início da jornada	10
Os Primeiros Pesquisadores	10
Introdução de Linha de Pesquisa no Pantanal	11
Primeiro Retorno do Pantanal.....	11
Volta ao Pantanal	12
Tempestade no Campo Experimental	13
O Amanhecer no Pantanal	14
Nossa Primeira Máquina Agrícola.....	14
O Desaparecimento da Chaleira.....	14
Preparo do Solo para Formação de Pastagens	15
Introdução de Bovinos em Pastagens Cultivadas	16
Viagem Sofrida.....	16
Época das Cheias.....	17
À Beira do Abismo	17
Primeiras Montarias	18
Operário Rural Perdido no Pantanal.....	18
Luta pela Sobrevivência de um Animal.....	20
Rota Errada no Pantanal.....	20
Noite de Verão	20
Luta Contra o Incêndio	22
As Sementes do Fedegoso	22
O Barbatimão	23
Poesia Pantaneira	24

OS PIONEIROS DA EMBRAPA DE CORUMBA NO PANTANAL MATO-GROSSENSE

*Damásio Soletto*¹

INTRODUÇÃO

O Pantanal Mato-grossense, grande planície localizada no sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, possui aproximadamente 80 a 200 m de altitude, 600 km de extensão de norte a sul, por 300 km de largura em alguns trechos.

Essa imensa região limita-se ao Sul, Leste e Norte com encostas e escarpas que formam a borda ocidental do Planalto Central. A oeste, em território paraguaio, encontram-se elevações pertencentes ao complexo andino. É uma região de rochas cristalinas, cobertas por uma camada de sedimentos quaternários da qual emergem algumas elevações entre as quais o Maciço do Urucum. A denominação Pantanal dá a falsa impressão de uma área permanentemente alagada e pantanosa, quando, na verdade, é apenas temporariamente inundada pelas chuvas de verão e pela cheia do rio Paraguai e seus afluentes: Miranda, Cuiabá e São Lourenço.

O solo é argiloso ou arenoso; seco, quando livre das inundações, é revestido de gramíneas nativas que constituem suas pastagens. Os campos, em sua maioria, são do tipo cerrado, mas são encontrados também campos limpos, matas, capões e um tipo de vegetação arbustiva denominada bosque chaquenho. É uma das principais regiões pecuárias do Brasil. Exporta gado para as invernações paulistas. Uma pequena parte do gado era abatido em charqueadas locais. Produzia tanino, extraído do quebracho, existente na região e aproveitado em curtumes.

É comum a distinção de subdivisões no Pantanal, com as denominações de Pantanal do Cuiabá, Pantanal do Taquari, Pantanal do Miranda. As principais cidades são: Cuiabá, Corumbá, Porto Murtinho, Miranda, Poconé e Cáceres. A porção mais conhecida é a do Pantanal da Nhecolândia, na região de Corumbá.

INÍCIO DA EMBRAPA NO PANTANAL

O Campo Experimental Satélite nº 1 da ex-unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (UEPAE de Corumbá, MT), atual Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal (CPAP), da Em

¹ Laboratorista da EMBRAPA/CPAP.

presa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), foi iniciado no Pantanal Mato-grossense, em meados de novembro de 1975.

Após o convênio entre o pecuarista Sr. Otávio Horta Barbosa Carneiro e a UEPAE de Corumbá, o Campo Experimental foi instalado em uma área da Fazenda Nhumirim na sub-região da Nhecolândia, parcialmente alagável, na latitude de 19°59'S e longitude 59°39'W. A Fazenda Nhumirim limita-se com as seguintes fazendas: ao Norte, com a Fazenda Campo Dora; ao Sul, com a Fazenda Ipanema; ao Oeste, com a Fazenda Alegria – Retiro Chatelodo; e a Leste, com a Fazenda Porto Alegre.

Nesta sub-região predomina grande parte do rebanho bovino, nutrido com as inúmeras pastagens naturais.

A paisagem é formada por cordilheiras, baías (lagoas), corixos, salinas, vazantes, capões de matas, capões de acurizal, campos limpos, cerrados e cerradões.

Início da jornada

Entramos no Pantanal em novembro de 1975, acampamos nas proximidades da sede da Fazenda Nhumirim, cerca de 5 km, na sub-região da Nhecolândia.

Era chefe da então UEPAE de Corumbá, o Eng. Agr. Manoel Gonçalves Torres Filho. Fomos incumbidos da importante missão de fundar o Campo Experimental Satélite nº 1 no Pantanal.

No início, tudo era difícil. Passamos por muitas dificuldades. Morávamos em barracas de lona ou de plástico. Colocávamos as nossas vidas em risco devido a insetos venenosos e animais peçonhentos e utilizávamos água não potável ou contaminada.

Diante da dura tarefa assumida, tínhamos que enfrentar as dificuldades do primeiro campo experimental da EMBRAPA no Pantanal. Fincamos as primeiras estacas e utilizamos as primeiras ferramentas de pesquisa no solo pantaneiro.

OS PRIMEIROS PESQUISADORES

Eng. Agr. Luiz Marques Vieira (Coordenador)

Eng. Agr. Limírio de Almeida Carvalho (Responsável pelo Campo Experimental)

Eng. Agr. Armando Andrade Rodrigues

Eng. Agr. Aroldo Brazil Ferreira

Eng. Agr. Aires Pereira Rodrigues

Méd. Vet. João Batista Catto

Meda. Veta. Eliane Maria Cembranelli

Introdução de Linha de Pesquisa no Pantanal

O programa de pesquisa objetivava a geração e adaptação de tecnologias de produção de bovinos de corte na região do Pantanal Mato-grossense. Além disso, envolvia o estudo de recursos naturais e sócio-econômicos da região. Assim, o programa de pesquisa compreendia dos projetos: gado de corte e inventário dos recursos naturais e sócio-econômicos do Pantanal.

Os pesquisadores pioneiros passaram por dificuldades na abertura do caminho inicial rumo a uma nova descoberta e construção de um alicerce no campo da pesquisa no Pantanal. A maioria deles era de jovens recém-formados, cheios de entusiasmo e coragem para executar atividades naquela dura tarefa. Algumas vezes, em viagens de Corumbá ao campo experimental ou vice-versa, as viaturas sofriam algum defeito, causado pelas péssimas condições da estrada, areia ou água, que impossibilitava o prosseguimento da viagem. Tinham, então, que passar a noite no interior dos veículos. Somente no dia seguinte é que podiam providenciar o conserto para chegar até o destino.

As agruras que passamos na fundação do campo experimental da EMBRPA no Pantanal não podem ser comparadas com as dificuldades que os pantaneiros nativos passaram na época em que ainda não existiam caminhões e tratores. Os meios de transportes eram somente as carretas de boi, puxadas por três ou quatro juntas. Os carreiros locomoviam-se bem prevenidos. Carregavam uma boa manta de carne de sol, farinha, rapadura, queijo e o apetrecho para o chimarrão. Também carregavam peças de reposição, canzís, brochas, chifradeiras e instrumentos, como machado, facão, chicote de cabo longo com um ferrão na ponta. Era assim que os carreiros se deslocavam de suas localidades com destino ao Porto da Manga, à Fazenda Leque e outros portos. As suas mercadorias e materiais seguiam do porto de Corumbá, conduzidos pelo barco Fernandes Vieira e lancha Cidade de Corumbá. Aí as cargas eram guardadas em um depósito por uma pessoa responsável e, posteriormente, entregues aos carreiros que as conduziam até o seu destino.

PRIMEIRO RETORNO DO PANTANAL

No dia 30.12.75, no nosso primeiro retorno do Pantanal, para passar o fim de ano junto com a família, vínhamos em uma viatura rural, conduzida pelo motorista Luiz Tonarchi. O veículo ficou seriamente encavalado devido à forte chuva que caíra naquela tarde. Isto ocorreu nas proximidades da Fazenda Firme. Depois de várias tentativas de desmontagem, o veículo foi liberado e seguimos para o destino.

tativas, empurra daqui, empurra dali, dá ré... colocamos macaco e calço, mas sem conseguir resultado. "... E agora?" – Exclamou o motorista Luiz Tonarchi, meu contemporâneo de empresa. Respondi-lhe: "Vamos em busca de socorro na Fazenda Firme que é a mais próxima".

Saímos em busca de socorro na Fazenda Firme, já pelas 18 horas. Lá chegando, solicitamos ajuda, mas, infelizmente, foi debalde, pois o capataz esta ausente. Saímos um pouco desanimados. Fechou-se a noite que estava bem escura, e nós andando descalços porque era um lamaçal!

Lembramo-nos de um acampamento da Cia. RODOMAC, que ficava entre as Fazenda Leque e Firme. A construtora estava dando início a um aterro, que saía da MT 228 (antiga estrada da integração do Pantanal), passava entre as fazendas citadas, indo até a fazenda Alegria.

Fomos ao acampamento a fim de buscar socorro. Chegando à beira da cerca, o meu companheiro motorista queira entrar no aramado. Eu disse: "Não entre, pode ter algum guarda. É melhor chamar". Batemos palmas e chamamos. Apareceu um guarda com revólver na cinta. Disse-nos asperamente: "o que vocês querem a essas horas?" Respondi: "Desculpe, somos funcionários da EMBRAPA e estamos com o nosso veículo encavalado. Não há meio de o tirarmos, por isso viemos até aqui pedir uma ajuda a vocês". O guarda respondeu: "Isso é só com o nosso chefe". Acrescentei, então: "Chame-o por favor!" Quando o chefe chegou eu me dirigi a ele. Cumprimentei-o e lhe pedi desculpas por ter interrompido o seu repouso àquela hora, já eram 21 horas. Felizmente, o bondoso chefe compreendeu a nossa situação e nos deu um caminhão para puxar a nossa viatura. Agradecemos -lhe muito e nos despedimos.

Finalmente, conseguimos dar continuidade à viagem e chegamos ao nosso destino à 1:30 hora do dia seguinte.

VOLTA AO PANTANAL

No dia 02.01.76, voltamos para o campo experimental, a fim de dar seqüência às nossas atividades de preparação dos canteiros e dos alinhamentos, estaqueamentos e colocação das placas de identificação com o nome científico e vulgar das forrageiras.

Depois de preparados os canteiros, adubados e não adubados, eram efetuadas as semeaduras das forrageiras consorciadas das gramíneas e das leguminosas. Mantínhamos os canteiros limpos eliminando as invasoras; fazíamos as observações sobre as germinações e acompanhamento do crescimento das forrageiras.

Depois de estabelecidas essas pastagens eram efetuados os cortes em metades dos canteiros para estimativas de produtividade; eram enviadas ao laboratório para fazer análise de matéria seca, proteína e minerais.

Nas ocasiões dos cortes, todo o cuidado era pouco devido às cobras jararacas, mais conhecidas no Pantanal por “boca-de-sapo” (Fig. 1). Certo dia quase fomos ofendidos por uma delas. Estava embaixo cãs folhas secas O pesquisador Aroldo Brazil Ferreira, que se achava bem próximo, começou a suar frio. Felizmente, nada aconteceu. Matamos a cobra que era enorme. As cobras são grandes inimigas do homem e dos animais no Pantanal.

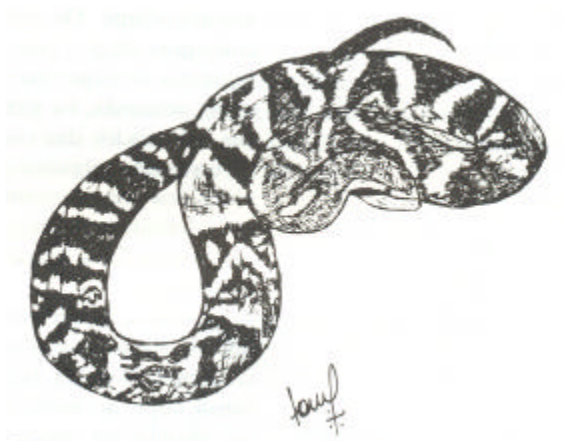


FIG. 1. Cobra jararaca ou “boca-de-sapo”.

TEMPESTADE NO CAMPO EXPERIMENTAL

Certa ocasião, alta noite, acordamos com uma ventania que jogava areia e folhas secas dentro das nossas barracas. Levantamos e vimos que grossas nuvens toldavam o céu pantaneiro. Ouvimos uns surdos rancos de trovões longínquos. Era o prenúncio da tempestade. De súbito, silvou forte vento; as folhas das árvores farfalhavam pelo chão arenoso. Os relâmpagos cruzavam no espaço em zig-zag, ouviam-se tremendos estampidos. Logo depois caiu um aguaceiro sobre o solo arenoso, que ficou compacto. As árvores dobravam-se sob a fúria da ventania, os galhos secos quebravam-se o barulho dos trovões era assustador.

As nossas barracas não resistiram à tempestade. Rasgaram-se e ficamos descobertos. Disse para os meus companheiros: “Vamos acudir os nossos mantimentos”. Era noite bastante escura, só os relâmpagos é que nos clareavam. Ficamos algumas horas molhados esperando que passasse o mau tempo para podermos armar nova-

mente as barracas. Eis uma das dificuldades que enfrentamos no início da nossa dura jornada na fundação do Campo Experimental Satélite nº 1.

O AMANHECER NO PANTANAL

Apesar das dificuldades, a beleza existente naquele patrimônio da natureza nos dava entusiasmo e alegria.

Ao romper do dia, acordávamos com as vozes dos animais e das aves. Ainda não havia os perseguidores dos animais. Naquela época existia uma verdadeira paz, os animais viviam em total liberdade e não eram ameaçados. A fauna era abundante. De certa hora da manhã em diante, ninguém conseguia mais dormir com os catares dos mutuns, os cacarejos das seriemas, os suspiros das emas, os gritos das araras e das araquãs, os gazeares das garças, os gritos das curicacas, os miados das onças-pardas, os uivos dos lobos guará, os urros dos bugios e jacarés, os assovios das antas, os grunidos dos porcos monteiros e queixadas, os roncões das raposas e lobinhos e o mugido ou berro dos bovinos.

Assim foi a introdução da EMBRAPA no Pantanal Matogrossense.

Como é boa a vida no campo! Uma verdadeira tranquilidade. Respira-se o ar puro sentindo o aroma das flores e contemplam-se as belezas da natureza. O homem que se cansa tanto no meio da cidade ruidosa, encontra no campo um verdadeiro sossego e o mais doce repouso para o seu corpo e espírito.

NOSSA PRIMEIRA MÁQUINA AGRÍCOLA

Em março de 76, recebemos a primeira máquina agrícola, um trator marca Massey Ferguson, 85 X, ano 76, adquirido na firma ABEMAC – Máquina Agrícola Corumbá Ltda, juntamente com os implementos: lâmina, arado, grade e uma carreta. O operador era o Pedro Paulo Mônaco. Com a chegada dessa máquina, o nosso teve bom desenvolvimento. Ampliaram-se os campos de experimentos, efetuamos maiores derrubadas e desmatamentos. Era também nosso transporte. Essa máquina nos foi de grande utilidade.

O DESAPARECIMENTO DA CHALEIRA

Certa vez, aconteceu um fato curioso em nosso acampamento, à noite, com um utensílio de nossa cozinha, na época em que desbravávamos a área para o nosso trabalho ou campo experimental.

Levantávamo-nos ainda escuro para fazer o fogo. Certa vez procuramos a chaleira para aquecer água e não a encontramos. Procura e procura, pergunta a um e pergunta a outro e ninguém a tinha visto. Não é possível? No outro dia nos faltou outro utensílio, ué! Aqui tem um mistério. Lobo não pode ser, pois ele é uma animal carnívoro e que vai fazer com uma vasilha? Mas um dos nossos companheiros, o seu Geraldo, nos afirmava que era mesmo lobo (Fig. 2). Fomos verificar o rastro do animal e olhamos bem o solo arenoso. Ah! Esta aqui a pata dele!

O nosso fogão era de cimento com uma chapa. Como sempre, derrama alguma coisa doce ou algo parecido. Vimos que havia pêlos dele sobre o cimento. Assim, ficou constatado que fora mesmo o lobo. Certo dia, verificamos os piquetes e encontramos a chaleira, mas já danificada, estava furada pela presa da fera. Notamos na chaleira que ele, ao abrir a tamanha bocarra e não achando firmeza ou apoio, fez um risco de cima para baixo. Assim ficou danificado o nosso utensílio (que guardo até hoje).



∴ Lobo guará.

FIG. 2. Lobo guará.

PREPARO DO SOLO PARA FORMAÇÃO DE PASTAGENS

Preparamos uma área para pastagem cultivada de 36 há em forma de circunferência, em cujo centro estava o bebedouro com água obtida de um poço semi-artesiano, localizado nas proximidades. A área estava dividida em nove piquetes de 4 há cada um e todos numerados de 01 a 09. Certo dia, estávamos gradeando o piquete nº 04 quando sofri um sério acidente na remoção de um cocho que interferia no alinhamento do implemento agrícola. Falei ao operador da máquina, Walter Martinez: "Pára o trator, vamos tirar o cocho". Ao fazer tal manõ

bra, sofri o acidente e saí para o acampamento. Fiquei três dias fazendo remédios caseiros, mas nada adiantou. A minha situação ia se agravando cada vez mais.

Não tendo outra alternativa, tive que fazer um tratamento médico. Depois de recuperado, retornei para as minhas atividades. Os piquetes já estavam todos gradeados. Em seguida, adubamos alguns com adubo químico. Foi efetuado o plantio da gramínea *Digitaria decumbens* (pangola) por mudas. Nos piquetes que deveriam ser consorciados com as leguminosas, eram efetuadas as sementeiras a lanço.

INTRODUÇÃO DE BOVINOS EM PASTAGENS CULTIVADAS

Relatório do piquete nº 1 conforme a discriminação abaixo.

O piquete constava de uma área de 4 há de forrageiras cultivadas com a gramínea *Digitaria decumbens* (pangola), consorciada com as seguintes leguminosas: *Macroptilium atropurpureum* (siratro), *Stylosanthes macrocephala* e *Centrosema pubescens*. Depois de formadas e já com uma boa quantidade de massa, colocamos cochos com sal e suplementação de minerais.

Em 19.08.76, foram introduzidos 15 animais. As forrageiras resistiram bem. Nós fazíamos a observação das pastagens diariamente para que não houvesse excesso de pisoteio. No dia 23.08.76, encontramos um animal, brinco nº 631, com uma bicheira na orelha. Imediatamente executamos o curativo. Em 29.08, passamos esses animais para o piquete nº 02, fazendo a rotação das pastagens. Os piquetes que ficavam vedados se recuperavam normalmente, tanto os rebrotamentos quanto as germinações das sementes. Surgiram várias espécies de gramíneas nativas.

As sobras de suplementação nos cochos eram pesadas para controle de consumo, cada animal era pesado de 28 em 28 dias para verificação do ganho e peso.

VIAGEM SOFRIDA

Em outro retorno do campo experimental, vínhamos em um caminhão Dodge conduzido pelo motorista Antonio. Na chegada da Fazenda Leque, quebrou a ponta de eixo, isso já por volta das 17 horas. Não tendo nenhuma solução para o caso, saímos a pé em busca de socorro. Atravessamos corixos e chegamos à rodovia MT 228 que, na época, era pouco transitável.

O nosso intuito era chegar na rodovia e pedir alguma carona, mas, infelizmente, nenhum veículo passou por nós.

Não tínhamos conhecimento da distância da Fazenda Leque ao Porto da Manga, que é pouco mais de 20 km. Cortamos o estradão, como dizem os pantaneiros. Conversa vai e conversa vem, um contava piada e outro contava estórias, assim as horas iam passando.

Com o passar do tempo, o cansaço foi chegando e fomos ficando quietos, os assuntos foram acabando. De vez em quando, alguém murmurava: “Puxa! Como é longe!” Era noite escura. Só se viam as luzes dos pirlampos e se ouvia o barulho das capivaras caindo na água. Era época da cheia, havia água de ambos os lados da rodovia. De repente ouvimos os apitos de um barco, mas, um pouco longe. Nós nos reanimamos, já estávamos a 2 km do Porto da Manga. “Que alegria! Vamos chegar!” Queríamos andar mais depressa mas as pernas já não ajudavam. Alguns dos nossos companheiros estavam com os pés inchados. Finalmente, chegamos ao Porto da Manga, à meia-noite. Dirigimo-nos a um estabelecimento comercial, cujo proprietário era o Sr. Firmiano. Chamamos e imploramos que nos atendesse e nos vendesse lanches. Por ali mesmo passamos o resto da noite. Ao amanhecer tomamos uma condução até chegar ao nosso destino.

ÉPOCA DAS CHEIAS

Na época das cheias, quanto as viaturas não mais podiam transitar, as nossas mercadorias eram transportadas por via aérea. Primeiramente íamos à fazenda vizinha (que distava 5 km do campo experimental) e solicitávamos o empréstimo do aparelho de rádio para podermos entrar em contato telefônico com a sede da EMBRAPA de Corumbá, a fim de fazer os pedidos necessários para as nossas atividades.

Após a chegada das mercadorias, pedíamos ao pecuarista ou a seu capataz para guardar os nossos mantimentos. Fazíamos os carregamentos aos poucos, em nossas costas, atravessando corixos, com água ora na cintura, ora no peito.

Hoje, damos graças a Deus, que nos ajudou nessa difícil e dura jornada no arrimo do primeiro marco rumo ao início dos trabalhos científicos a serem desenvolvidos no Pantanal.

À BEIRA DO ABISMO

Certo dia, vínhamos do campo experimental, em uma viatura rural conduzida pelo Eng. Agr. Armando de Andrade Rodrigues. A seu lado, o pesquisador Limírio de Almeida Carvalho, e eu, no banco traseiro. Isso ocorreu na MT 228 após a travessia do Porto da Manga. A rodovia tinha pouco tráfego, não era bem aterrada e não estava concluída. A viagem transcorria tranquilamente quando, de repente,

entramos em um trecho ainda não aterrado. O veículo começou a deslizar fazendo zig-zag. O condutor não podendo mais controlar o carro, foi parar à beira de um abismo.

O veículo ficou de uma tal maneira, quase a tombar. Nós, no seu interior, encostamos no lado oposto ao abismo. Saí com muita dificuldade pelo vidro de correr e me pendurei na canaleta do veículo. Assim puderam sair os meus companheiros. Que alívio!

Foi muito difícil tirar o veículo. Esperamos que passassem por ali dois veículos que tivessem cabos de aço, um para puxar o carro e outro para sustentá-lo para que não tombasse.

Felizmente saímos livres de mais de um perigo na nossa jornada no Pantanal.

PRIMEIRAS MONTARIAS

Em 18.11.77, recebemos os nossos primeiros animais de montaria para os trabalhos nos campos experimentais no Pantanal. Dois muares em perfeito estado, um de pelagem preta e outro, castanha.

Com a chegada dos animais, desenvolveram-se com mais rapidez as tarefas de verificar os lotes de bovinos nos poteiros, colocar suplementação mineral nos cochos, fazer rotação das pastagens e verificar os aramados externos e internos. Com eles fazíamos os transportes das nossas mercadorias nas épocas das cheias, da pista de pouso para pequenas aeronaves até o nosso campo experimental, bem como outra qualquer diligência nas fazendas circunvizinhas.

OPERÁRIO RURAL PERDIDO NO PANTANAL

Certo dia, após o expediente, saíram do galpão os três operários rurais, com a finalidade de caçar tatu-galinha (Fig. 3). Era a caçada mais fácil porque não precisava de armas e nem de cachorros. Esses animais têm uma carne saborosa, costumam sair da toca à tardinha para forragear. Os nossos três companheiros, Paulo Rodrigues de Matos (o Baiano), Marques (o Goiano) e o Romero, combinaram para matar uns tatus e saíram à caça. Foi um corre-corre, uma gritaria, um cerca daqui e um cerca dali. Com isso cada um saiu para um lado. Nessas alturas já eram mais ou menos 18 horas. Estava chovendo, o céu nublado, e logo escureceu. Como o Pantanal é aparentemente homogêneo, as pessoas que não o conhecem bem ficam mesmo perdidas.

Romero, um dos peões, perdeu a caça e ficou perdido. Logo fechou a noite. Ele começou a dar gritos para os companheiros, mas

não adiantou nada. Encontrou uma bitola de trator e não a deixou mais. Disse para si mesmo: “ Em algum lugar vou chegar”. Já com um pouco de receio, chegou à Fazenda Ipanema, cuja distância é de mais ou menos 6 km. Ao chegar na fazenda, por volta das 21 horas, quase foi mordido pelos cachorros. E lá pernoitou.

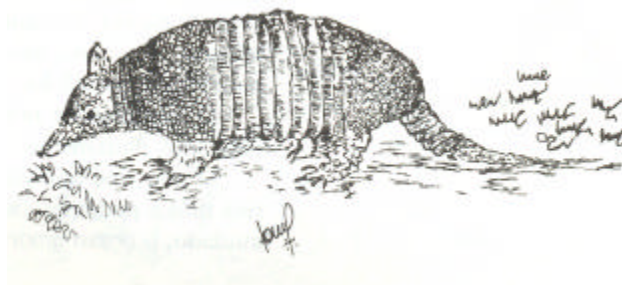


FIG. 3. tatu-galinha.

Quando os outros dois chegaram ao galpão e batendo a sineta para o jantar, notei a falta do Romero. Perguntei aos dois: “E o Romero? Onde está ele?” – Responderam-me, um pouco tímidos: “Ah! Seu Damásio, nós saímos para caçar tatu e quando nós encontramos os tatus cada um correu para um lado. Pensamos que ele já estava no galpão”. Disse a eles: “Eu não sei, vocês terão que dar conta dele, terminem o jantar e vão atrás dele”. Em seguida, prepararam as lanternas e saíram em busca do peão perdido e começaram a chamá-lo e nada! A situação começou a se complicar.

Muito preocupado com o fato ocorrido, preparei-me e saí também em busca. Deram 21 horas, nenhuma pista; 21:30 horas e nada. Subimos em alguns arvoredos e as horas foram passando. Às 22 horas nós já estávamos cansados e um pouco molhados porque estava chovendo. Voltamos então, para o campo experimental.

No dia seguinte, tivemos que entrar em contato telefônico com a Sede da EMBRAPA de Corumbá, a fim de comunicar à Chefia o fato ocorrido. Felizmente, lá pelas 10 horas do dia seguinte chegou o Romero em companhia de um peão da Fazenda Ipanema. Essa caçada de tatu-galinha ficou na nossa história.

LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA DE UM ANIMAL

Um dia trouxeram-nos um bezerro recém-nascido. O pequeno animal estava com uma bicheira no umbigo, mas já tinha infestado a boca e até a orelha. O bezerro não podia mais se alimentar do leite materno, ficou entre a vida e a morte.

Executamos logo um tratamento juntamente com o pesquisador Médico-Veterinário João Batista Catto. Como o animal estava bastante debilitado e permanecia somente deitado, fizemos, imediatamente, uma mamadeira e assim pudemos alimentá-lo.

O pesquisador nos deixou os medicamentos para serem aplicados diariamente.

O pequeno animal ficou sob os nossos cuidados por vários dias e pudemos salvar a vida dele. Valeu a pena o nosso cuidado, o nosso amor e a nossa dedicação.

ROTA ERRADA NO PANTANAL

Certa noite, mais ou menos às 21 horas, viajávamos de retorno ao campo experimental, em uma camionete Dodge, carregada de diversos materiais e conduzida pelo motorista Luiz Tonarchi. No Pantanal, aparentemente homogêneo com vegetação rasteira, arbustos, árvores, solo, baías, lagoas, vazantes, cordilheiras, é muito fácil ficar perdido. E a noite era de muita fumaça, época de queimada .

Após passarmos pela Fazenda Cáceres, de propriedade do Sr Luiz Gomes da Silva, tomamos uma rota errada. Logo percebi e falei ao motorista: “Estamos errados, Luiz”. Ele me respondeu: “Estou acostumado a viajar neste Pantanal, fique calmo e deixe comigo”. Mas eu não deixei por menos e torne a insistir: “ Estamos errados”. Ele retrucou: “É você que está errado”. Como continuava duvidando, ele completou: “Antes de trabalhar na EMBRAPA eu já viajava por aqui conduzindo tropas de eqüídeos”.

Por fim, chegou à conclusão de que estávamos perdidos. Parou o veículo, fez a manobra, retornamos e pegamos a rota certa. Assim chegamos ao nosso destino.

NOITE DE VERÃO

Em uma noite de pleno verão, saí do meu alojamento juntamente com os meus familiares, devido ao calor intenso. Fomos dormir na varanda que era telada por causa de mosquitos, unes e redes e outros em colchões em cima do piso. Quando foi lá pelas tantas da noite, levantei-me para ver as crianças e me deparei com um

enorme tamanduá-bandeira (Fig. 4), que estava bem próximo ao telado à procura de formigas ou cupins para se alimentar. Ao ver o animal me fugiu o sono. Era uma noite de luar tão claro como prata. O reflexo batia na pelagem que dava brilho, o focinho cilíndrico e a cauda em forma de bandeira. Fiquei ali contemplando as belezas da natureza e sentindo o aroma das flores.



FIG. 4. Tamanduá-bandeira.

Era uma noite de silêncio, o céu limpo e bem estrelado. Só de vez em quando é que se ouvia o cantar dos corujões, muito grandes que só andam de par e são conhecidos pelos pantaneiros como “João-curutu” (Fig. 5). Esses animais costumam cantar às altas horas da noite e têm uma voz grossa, tremida e rouca. Quem não os conhece fica com medo, pois é mesmo de assustar.



FIG. 5. Corujão orelhudo ou “João-curutu”.

Certa vez, um dos nossos companheiros não conseguiu mais dormir por causa dessas aves. No outro dia, ele fez um comentário, pois na sua opinião, as aves estavam rondando o nosso acampamento. Assim, os corujões ficaram na nossa história.

LUTA CONTRA O INCÊNDIO

O principal inimigo de nossas matas é o fogo. Um incêndio pode destruir em pouco tempo a obra que a natureza levou anos ou até mesmo séculos para completar.

A causa principal dos incêndios nas matas é o emprego do fogo nas práticas de limpeza de terreno, utilizado indiscriminadamente nas áreas de pastagens extensivas.

Certa ocasião, um incêndio nos deixou bastante preocupados. As queimadas no Pantanal são freqüentes e causadoras de prejuízos para a fauna e flora.

Em tal época, fazia-se um processo para prevenir incêndios, processo chamado pelos pantaneiros de "acero de cercas". É uma limpeza nos aramados, para proteger a queima dos postes ou estacas, de 3m a 4m de largura, e evitar que o fogo penetre em invernadas onde se encontra o rebanho bovino. Algumas vezes esse processo não é suficiente. Certo dia, um incêndio nos deixou em desespero. Veio do lado do retiro Chatelodo com o qual o campo experimental fazia linha divisória. Os nossos aramados já estavam acerados contra o incêndio, mas, na beira do acero, havia uma árvore já seca. O fogo a pegou e um dos galhos atingidos veio cair do outro lado da nossa invernada e alcançou a massa seca. Tivemos que lutar para apagá-lo. A sorte é que tinha um bebedouro bem próximo. Foi a nossa valência! Carregamos água em baldes, às carreiras, para podermos controlar o fogo. Felizmente, depois de um corre-corre, pudemos evitar grandes prejuízos para o nosso campo experimental.

AS SEMENTES DO FEDEGOSO

O fedegoso (*Cassia occidentalis*) é uma planta perene, subarbustiva, lenhosa, ramificada medindo de 50 a 100 cm de altura, com reprodução por sementes. Os frutos são vagens achatadas, mais ou menos retas, de cor castanha com 10 a 12 cm de comprimento.

Esta leguminosa tem propriedades medicinais. As folhas na forma de infusão, são purgativas, e as raízes são vermícidas. É também recomendada como um medicamento específico no tratamento da erisipela.

Alguns pantaneiros, principalmente os nativos, fazem a colheita de vagens de fedegoso e as põem para secar. Depois de debulhadas, as sementes são torradas e moídas, para serem usadas como um substituto do café.

Certo dia, fizemos uma visita a um dos nossos vizinhos, o Sr. Anastácio e sua mulher. Foi-nos oferecido um cafezinho, realmente estava uma delícia. Nada notamos de anormal. Momentos após, a mulher nos disse: “O que vocês notaram no nosso café? Estava bom?” – Respondemos: “Esta bom e gostoso”. Então ela completou : “Vocês acabaram de tomar semente de fedegoso torrada e não café verdadeiro!” Pensei e falei: “Agora vamos aguardar alguma anormalidade intestinal ou algo parecido”. Felizmente, nada aconteceu conosco.

O BARBATIMÃO

O barbatimão é uma árvore bela, pouco elevada, casca áspera, folhas bipinadas, florzinhas miúdas em bolotas axilares e terminais. O fruto é uma vagem que contém sementes parecidas com os grãos de feijão.

Possui também propriedades medicinais. É empregado em afecções escorbúicas, blenorragias, diarreias, leucorréias, hemorragias e como cicatrizante.

Certo dia, o nosso companheiro operário rural, Geraldo Fernandes, sofreu um acidente quando verificava os bovinos. O cavalo meteu uma das patas em um buraco de tatu, que no Pantanal é muito comum, e sofreu uma rodada. O Geraldo enganchou uma das pernas, e o estribo raspou o couro de cima para baixo em cima da tibia, enrolou-se e ficou confrontando com o tornozelo.

O tratamento foi feito lavando a perna três vezes por dia com a casca do barbatimão cozida. Assim estancou o sangramento e a perna cicatrizou.

POESIA PANTANEIRA

*Aqui escrevo esta poesia,
Pois é uma realidade,
Há doze anos passados
Parece um sonho, ma é verdade*

*No fim de novembro de 75
E a estação era pleno verão,
Quando os pioneiros
Logo entraram em ação*

*Os Pioneiros do Pantanal,
Agrônomos e veterinários,
Peões e mestre rural,
Na fundação do campo experimental,*

*Ao entrarmos no Pantanal
Na viatura perua rural,
Eu mestre rural,
Desbravando o Pantanal.*

*Nossos operários rurais,
Dois paulista e um baiano,
Eu, o pantaneiro,
E o nosso chefe era mineiro.*

*A Unidade de Execução de Pesquisa
De Âmbito Estadual
A EMBRAPA no Pantanal
Fundou o campo experimental.*

*O Ipê e o tarumeiro,
Louro-preto e jacarandá,
Peroba e aroeira,
São de grande utilidade ao homem
Pantaneiro.*

*O Pantanal Mato-grossense,
Cortado de norte a sul, Patrimônio da
natureza, Situado na América do Sul!*

*Cerrado e campo limpo
Capões de acurizal
Corixos e vazantes
Formam a paisagem do Pantanal*

*O patrimônio da natureza
Onde predomina a fauna e a flora
Tuas matas e teus campos
O esplendor do Pantanal*

*Jacarés e porcos monteiros
Aranquãs e colhereiros...
A fauna perseguida
Pelos denominados coureiros.
Graças aos governadores estaduais
Na implantação da Polícia Florestal
Na operação Pantanal
Para preservar o Pantanal.*